

ETIMOLOGIA CLÁSSICA E MODERNA

Amós Coêlho da Silva - UERJ /UGF

Resumo: Os modelos gregos dos estudos gramaticais. A iniciativa platônica como um elo para os estóicos, os quais admitem a origem da linguagem como natural, 'phýsis' e, por isso, uma imposição social, donde a irregularidade, a anomalia; para Aristóteles, a linguagem tem por princípio convenção, 'nómos' ou 'thesis' e estaria sob o domínio da regularidade, analogia; são seguidores do Estagirita os filólogos de Alexandria. Quintiliano elucida como a pesquisa etimológica penetra em Roma. Os estudos etimológicos dos gramáticos latinos e, principalmente, de Varrão, uma fonte importante para a modernidade científica. Os estudos de Antenor Nascentes e de Émile Benveniste. Como poetas antigos e modernos retiram da etimologia energia e expressividade.

Palavras-chave: etimologia, anomalia e analogia.

Tendo em vista que *a Grécia dominada superou o seu feroz vencedor e introduziu no agreste Lácio as artes, Graecia capta ferum victorem cepit et artes /Intulit agresti Latio* (Horácio, Epist., Livro II, 1, 156), iniciaremos por esboçar o estudo gramatical entre os helenos. Francesco Della Corte admite como textos de primeira investigação filológica na Hélade *Crátilo* e *Íon*, de Platão e *A Poética*, de Aristóteles, *i quali tuttavia più che di filologia si occuparono di etimologia l'uno e della condizione dei poeti, l'altro*. Todavia, a iniciativa deu-se na era de Pisístrato, século VI a.C., *qui primus Homeri libros confusos antea sic disposuisse dicitur ut nunc habemus, o qual, de modo pioneiro, afirma a tradição, organizou, assim até então, esparsos livros de Homero como o temos nos dias de hoje*. (Cíc. *De oratore*, III, XXXIV) Se Eratóstenes aplicou a si mesmo o epíteto de filólogo na Grécia, em Roma o *philologus* foi Ateius Praetextatus (séc. I. a.C.).

Os resultados práticos e as teorias gramaticais, atrelados princi-

palmente à filosofia, foram transportados para Roma e daí para o Ocidente. Crates de Malos, séc. II a. C., durante um contato diplomático com o poder público romano, estendeu sua estada em Roma e passou o tempo livre realizando comunicações sobre temas filológicos. Como fosse ligado ao estoicismo, que partiu dos fundamentos platônicos, ensinou princípios da linguagem como ‘phýsis’, natural. Pertencem aos estóicos abordagens como ocorrências onomatopaicas e o simbolismo sonoro; muito desse estudo passou a uma etimologia fantasiosa; no entanto, o que séculos mais tarde Ferdinand de Saussure tomaria como uma de suas dicotomias, *signifiant et signifié*¹, os estóicos formalizaram como oposição entre forma e sentido. Estudaram, com especial atenção, e em separado, a prosódia, a etimologia e as relações entre as palavras e o que elas significam. Quando os estóicos de Pérgamo, no século IV a. C., adotaram a anomalia como princípio lingüístico, partiram do ponto de vista que o surgimento da língua era natural, e não convencional, como era o pensamento dos filólogos de Alexandria. Para estes, de influência aristotélica, uma segunda escola gramatical, a língua é, por convenção de agrupamentos humanos, analogia, regularidade, proporção, enfim *ratio*, razão.

Mas como Cícero, que deu nome a uma era, se posicionou diante disso? Procurou de pronto no dicionário latino nomes que correspondessem aos gregos, rejeitando termos como ‘etymología’ e ‘sýmbolon’ e adotando em seu lugar *nota - sinal, marca* e *notatio - ação de marcar um sinal; observação, exame* – sendo que substituiu este último pelo neologismo *ueriloquium, dizer a verdade*, fundamentado na explicação popular sobre a palavra (*uerbum*), daí *uerbum boare, clamar a verdade* e correspondente ao grego ‘étymon légein’, *dizer a verdade*. Podemos observar pelo comentário de Quintiliano (século I d.C.) que a fixação do termo etimologia seria inevitável: ‘*Etymología quae uerborum originem inquit, a Cicerone dicta est notatio, quia nomen eius apud Aristotelem inuenitur ‘sýmbolon’, quod est nota. Nam uerbum ex uerbo ductum, id est ueriloquium, ipse Cicero, qui finxit, reformidat. Sunt qui, uim potius intuiti, originationem uocent.*’ (1,6,28), *Etimologia, que investiga a origem das palavras,*

foi denominada por Cícero de notação, porque o nome dela encontra-se em Aristóteles como símbolo, como marca ou sinal. A esse respeito, retirando uma palavra de outra, isto é, formando “ueriloquium”, a qual (=a expressão etimologia) o próprio Cícero receia. Existem os que, antes por força de observação, a denominam “originationem”.

A proposta platônica no *Crátilo* fora um exame etimológico, no sentido pontual: ‘étymos’ = verdadeiro; ‘-logos’ = palavra, discurso; sufixo ‘-ia’, direcionando o escopo de sua pesquisa para a filosofia. Como ar em grego tem a forma ‘aer’, foi relacionada a sua etimologia a levantar (‘aírei’), por causa da forma, pois o ar levanta coisas do chão; o nome ‘héros’, herói, ligando-se a ‘éros’, amor, pois seria filho do amor – desprezando as respectivas vogais ‘e’ longas nas primitivas, das quais não poderiam derivar as breves ‘e’ nas segundas.

Os avanços da investigação clássica se realizaram pela sucessão cronológica: Platão, os estóicos de Pérgamo e Aristóteles, os pesquisadores de Alexandria. A doutrina, encadeada desde Platão aos estóicos, ainda que nos pareça caricatural à luz da ciência filológica moderna, em Nigídio Fígulo (final do século II a.C.), (apud Aulo Gélcio, II d.C.), foi bastante seguida e fundamenta com explicação onomatopaica. A palavra era tomada como mimese do objeto denotado através da articulação vocal sonora. De modo que, em “uos” o ar vai para frente, porque é pronome de segunda pessoa e o seu significado com quem se fala: portanto, de acordo com a expiração do ar.

Também Varrão, Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.), evitou empregar ‘etymología’; em seu lugar, usou a perífrase *origo uerborum* ou *uocabulorum*, *origem das palavras*. No livro V, *De Lingua Latina*, Varrão anuncia que vai expor a ciência que os gregos chamam de etimológica, *quam Graeci uocant ‘etymologikén’* (com letras gregas). Há preocupação epistemológica em Varrão: *...praesertim cum dicat ‘etymologiké’ non omnium uerborum posse dici causam..., particularmente visto que se denomine um etimólogo, não poderia ser explicada a razão de todas as palavras...* (L. Latina, VII,4) Foi aluno

de Aelius Stilo (final do séc. II a.C.), que teve o mérito de interpretar o antigo Canto dos Sálios e ser especialista em literatura latina, mas, no domínio da etimologia, encontra a negação de Varrão. É que o seu argumento é estóico, mas se constitui em uma abordagem falha: analisa a razão da origem da palavra pela herança estóica 'katà antíphrasin', traduzida por Francesco Della Corte como *per immagine contraria*, assim o comentarista italiano explica a abordagem etimológica de *miles*: *militem Aelius a mollitia 'katà antíphrasin' dictum putat, eo quod nihil molle sed potius asperum quid gerat, Élio julga o termo miles(soldado) proveniente por antífrase de mollitia (brandura), o que não é mole, mas que, de preferência, gera o áspero.*(p.107) A restrição de Varrão é quanto à sua predileção pela etimologia *e contrario*, por antífrase; daí dizer que *caelum* (céu) provém de *celatum* (oculto, escondido), porque o céu é *apertum* (descoberto). Mas também condenou a descrição etimológica de *lepus*(lebre) provém de *leuipes*, como comenta Jean Collart, Varron Grammairien Latin, p.257. Aliás, a fama de etimologias fantasiosas de Élio fez rir Quintiliano (I,6,34): *uolpes, quod uolat pedibus, volpes (raposa) porque voa pelos pés*, ou seja, volpes seria a reunião vol + pés. Isso chegou até nós pelo *De Lingua Latina*, V, 101, de Varrão. Desse modo, um etimologista verdadeiro, no conceito de Varrão, confessaria a impossibilidade de ir além de certo ponto por falta de fontes fidedignas. Não é o caso de *equus* (cavalo), que apresenta as cognatas *equites*(cavaleiros, membros dessa ordem), *eques* (cavaleiro, homem a cavalo), *equitatus* (ação de andar a cavalo)(LL., VII, 4) E este certo ponto ele define como *uerba primigenia, literalmente palavra primitiva. Primigenia dicuntur uerba ut lego, scribo, sto, sedeo et cetera, quae non sunt ab alio quo uerbo, sed suas habent radices*, As palavras primitivas são *lego* (reunir), *scribo* (escrever), *sto* (estar em pé), *sedeo* (estar sentado) etc., que não são provenientes de outra palavra, pois têm suas próprias raízes. Embora a lista seja composta de verbos, a indicação foi casual, como comprovam múltiplos exemplos, colhidos na maioria do Livro V: *barbatus* vem de *barba*(129), *capital* de *caput* (130), *Roma* de *Romulus* (33 e 144), *curare* de *cura* (VI,46) e outros. Como reconhecer uma

palavra primitiva? Como vimos, Varrão se restringiu a nos dizer: *quae non sunt ab alio quo uerbo*. De modo geral a busca etimológica não se apresenta como verdade absoluta. Daí, Varrão estipular a seguinte gradação etimológica, no *De Lingua Latina*, V ao VII: 1 - em primeiro grau, está o estabelecimento das uerba primigenia, porque estas são *aperta, evidentes*, embora se encontrem algumas obscuras: *quae ideo sunt obscuriora, quod neque omnis impositio uerborum extat, quod uetustas quasdam deleuit, ne quae extat sine mendo omnis imposita...*, algumas palavras são mais obscuras pela seguinte razão: porque nem toda imposição de palavras se manifesta, já que o lapso de tempo apagou algumas e nem toda (palavra) imposta se apresenta sem erro... As uerba primigenia são ancestrais de famílias. Não há em Varrão rigorosa distinção entre *nomen, uerbum e uocabulum*. Ele estabeleceu oposição entre *origo uerborum, origem das palavras*, e *origo similitudinem, princípio de flexões*, que ocorre no Livro X, 11 e 13.. Ainda há *radices uerborum, que são os ramos de uma societas uerborum, família de palavras*, cf. V, 13. 2 - em segundo grau, no Livro VI, 1, ao inverso, nos diz ele: *In hoc dicam de uocabulis temporum, neste (livro), investigarei as palavras que denotam tempo*. São obscuras, *quae obruta uetustate ut potero eruere conabor, tentarei, como puder escavar, as que estão enterradas pela idade*. Neste grau, o gramático se torna um *interpretes poetarum, um intérprete dos poetas*, formará, portanto, ao lado dos filólogos alexandrinos: Aristófanes de Bizâncio e seus discípulos. 3 - no Livro VII, Varrão ultrapassa o segundo grau, inspirando-se nos filósofos estóicos, a fim de analisar o vocabulário poético, com os seus nomes raros e arcaicos.

Há nessa escala acima uma gradação de dificuldades, até que o pesquisador se encontre pronto para atingir o quarto grau, o qual se define como um santuário secreto, *adytum*. Jean Collart interpreta que seja um grau pitagórico. Só é alcançado pelo supremo sacerdote, *initia regis*. Ele compara este saber com o do médico: *quo si non perueniam ad scientiam, at opinionem aucupabor, quod etiam in salute nostra nonnunquam facit cum aegrotamus medicus, se a esse não chegarmos ao lado de uma simples informação, ao menos espreitaremos a*

opinião, como o faz o médico a respeito de nossa saúde, quando adoecemos algumas vezes.(V,8)

O indo-europeu, tronco lingüístico com ancestral comum há 3.000 anos a.C., foi localizado, ao que tudo indica, ao norte do Mar Negro, entre os Cárpatos e o Cáucaso. Forma uma unidade lingüística e religiosa, mas sem se ter constituído um império. Sua expansão se dá sobre a Índia e o Irã, bem como sobre o leste e centro da Europa, donde a dupla denominação. Tornou-se na Europa o grupo ítalo-celta, fragmentado em itálico (latim, osco, falado ao sul do Lácio, documentado por inscrições em Cápua, a tábua de Bântia e o famoso “cipo de Abela” {a nossa palavra avelã < do adjetivo pátrio abellana < Abela, cidade de *nuces abellanae*, cf. Gladstone, *IFP*) e úmbrio: falado ao nordeste do Lácio, documentado em inscrições em bronze, encontrado num subterrâneo próximo a um teatro romano, na cidade de Gubbio) e em celta (o gaulês das Gálias e da Espanha e Ásia Menor (reino dos gálatas e o britônico, dominador da Grã-Bretanha). O latim continuou nas línguas neolatinas ou novilatinas. A descoberta do sânscrito, denominação de um ramo indo-europeu na Índia, a língua sagrada dos hindus - como o latim eclesiástico - no começo do século XIX, confirmou o conceito de parentesco lingüístico, quando foi relacionado ao latim e ao grego. A gramática de *Panini* (séc. IV a.C.) utilizou o texto sânscrito em suas abordagens. A partir dos estudos do indo-europeu, com o estabelecimento do método histórico-comparativo, tornou-se propício o advento da lingüística, e, em consequência, a etimologia assumiu uma averiguação de base científica. Um dos aspectos importantes é a possibilidade de se estabelecer uma correspondência entre as línguas irmãs e a matriz.

R. G. d’Hauterive nos apresenta o seguinte quadro de correspondência fonética:

Obs.: O italiano e o espanhol (com a abreviação I E) foram agrupados juntos devido à aproximação fonética entre eles. Pensamos em admitir o português neste mesmo grupo, pois a maioria das vezes, este não se distancia de suas irmãs.

I. E	Scr.	Gr.	Lat.	Ingl.	Alemão
p	p	p	p	f	f(v)
t	t	t	t	th	d
k	k(ou ç)	k	c	h	h
kw	k(ou ç)	p (ou t)	qu	wh	w
b1	b	b	b	p	pf
d	d	d	d	t	z
g	j	g	g	k	k
gw	g((ou j)	b (ou d)	v	qu (ou c)	k
bh	bh	ph	f(e b2)	b	b
dh	dh	th	f(e d2)	d	t
gh	h	kh	h	g(ou y)	g
gwh	gh	th (ou ph)	f((ou v)	w	w
w	v	w	v	w	w

Exemplário:

I.E	Sentido	Scr.	Gr.	Lat.	Ingl.
Alemão					
Geral					
*ped-pé		pádah	pous	pes	foot
Fuss					
*tre- três		tráyah	treis	tres	three
drei					
*kap-	cabeça		kapalam	kephalé	caput

head	Haupt				
*kw- quem?		kah	póteros, tis	quis	who
wer					
*dam-	domar		damitá		damazô
domare	tame		zähmen		
*gen- raça	janah	genos	genus		kin
Kind					
*gwen- chegar		gamati		bainô	venire
come	kommen*				
*bher- levar		bhárami	pherô	ferre	bear
Bahre					
dhwer- porta		d(h)várah	thura	fores	door
Tor					
*ghes-	ontem	hyáh	khthes		heri
yesterday	gestern				
*gw herm	calor	gharmáh	thermos	formus	warm
warm					
*weid-	ver	véda	(w)eidos	videre	
wit	Witz				

A regularidade nas correspondências apresenta corrupções, tais como:

1 – Aspiração. Em latim a aspiração desapareceu e era representada por h. A permanência do h na escrita latina é apenas etimológica. Em inglês e alemão o hw- terminou em w, com o desaparecimento do h.

2 – O s. Em grego o s passou a h, ou desapareceu: em latim septem/ em gr. hepta. Em latim, o s intervocálico passa a r (rotacismo), que se observa no alemão. O s subsiste, quando é evolução de ss: hesternus (de ontem) > *hesi > heri; causa < caussa. Formam exceção rosa, asinus, miser, que são de origem estrangeira { miser, cf. Ernout & Meillet: Ancien,

usuel et classique.

3 – Os grupos de consoantes. Os grupos dt e tt, em latim e em germânico passam a ss: *vissum* (transformou-se em *visum*) por *vid-tum*, de *videre*(*ver*); em gótico, *wissa*, eu sei, por *wit-ta*. Em grego o grupo dy, gy e gwy evoluem para z: **Dyeus* deu *Zeús*(*Zeuv*”).

4 – Semivogal. Em grego w, representado pelo f, chamado digama, desapareceu: *eidos* por *weidos*(forma, figura), o correspondente que sobreviveu em latim foi *videre*. Em inglês, o w diante de consoante, conservado na escrita, desapareceu na pronúncia: *write*(escrever).

5 – Vogais. Em latim, nas formas compostas, o a e o e breves se alteram em i, e diante de duas consoantes em e: *ad-capio* torna-se *accipio* e *acceptum*; *di-rego* torna-se *dirigo* e *directum*.

Na evolução para o português o w, que no latim passou quase sempre a v, nas palavras de origem germânica passou g: Wilhelm > Guilherme, Walter > Gualter. A nossa palavra gastar provém de *uastare*, por influência do radical germânico **wOst-*, que se encontra no *al. wüst*, “deserto”, *verwüsten*, *desolar*, *arruinar*”.

Um caso complexo é o da aférese de f > h em espanhol: *facere* > *hacer* > **acer*, *filium* > *hijo* > **ijo*

Há alternâncias vocálicas complexas como: l) *populus* / *publicus*, *homo* / *hUmanus*, *molestus* / *mOles*; *maxumus* – *maximus*, **caputis* – *capitis*, *monumentum* – *monimentum* > port. arc. *moimento*.

Alguns exemplos resumidos se seguirão aqui. Em indo-europeu, tem-se **kerd-*, *coração*; em grego, *kh'r* e *kardiva* que correspondem apofonicamente ao latim *cor*, *cordis*, daí uma família etimológica portuguesa *concordia*, *discordia*, *misericórdia*...do latim e *cardíaco*, *cardiopatia*...do grego. O k indo-europeu corresponde ao h inglês: **kerd-* > *heart*; está no alemão *herz*. O francês manteve o elemento latino: *coeur*, *écoeur*; *cordial* (*enjoar*); *recors* (*beleguim*, *agente da polícia*); *miséricorde*; *accorder*...Do latim corrente o francês formou *courage* (< *coraticum*), assimilado por nós na forma *coragem*. O inglês ampliou o

seu vocabulário com *accord*; *courage*... do francês. Há continuidade deste elemento em italiano (*core*, *cordiale*, *concordia*, *ricordare*) e espanhol (*corazon*, *cordial*, *recordar*, *concordia*). A raiz **kap-*, cabeça, se ampliou através da base grega *kephalé* e latina *caput*. Em francês, evoluíram as formas *chief*; *chapitre*, *achever*, *capituler*, *récapituler*, *capitaine*, *précipice*, *précipiter*... Estas mesmas formas estão em português, ora por empréstimos do francês, ora provenientes do latim tardio. Acabar, correspondente à evolução francesa *achever*, do latim **accapare*, é forma do romance ibero (em espanhol: *acabar*). Embora o espanhol tenha aproveitado o tema amplamente, nos interessa o vocábulo *caudillo*, *caudilho* por empréstimo em português, provém de *capitellu* (*cabecinha*, *chefe*); em inglês, *head* e no alemão *haupt*, conforme o nosso quadro. Santo Isidoro, bispo de Sevilha no século VII, *Etymologiae* XIX, 31, 3, enriquece nosso estudo com: “*Capitulum* est quod vulgo *capitulare* dicunt. Idem & *cappa*, vel quod duos apices ut kappa litera (sic) habeat: vel quia *capitis* ornamentum est.”, “*Capitulum*” é porque em geral dizem *capitulare*. Do mesmo modo *cappa*, ou porque tenha letras geminadas (ou vogal longa em *cA*) como a letra kappa, ou porque é enfeite da cabeça. O elemento **bha-*, falar, pelo grego nos chega *phemi*, como eufemismo; trata-se de forma apofônica de *fama* do latim. São dessa família: 1- *for*, *fari* – falar; *facundia*, eloquente; *fabula* – narrativa; *affabilis* – a quem se pode falar facilmente; *ineffabilis* – o que não pode dizer. O último é de cunho romântico, pois o poeta romântico contemplava o mistério do mundo. Há ainda *infans*, que não fala, ou seja, infantil, *infante* em português; gerundivo *fandus*, freqüente nas formas compostas *infandus*, *nefandus*, (abominável). O épico Vergílio no II, 3: *Infandum, regina, jubes renovare dolorem*, Não possível exprimir, rainha, pedes renovar a minha dor. 2 – *fatus*, -a, -um: que falou: *praefatio* – o que se fala antes; *fatum* – destino; *Fata* – deusa do destino; *fatalis* – fatal, profético; *fatidicus* – que diz o futuro (*fatum* + *dicus*). 3 – proveniente de **fat-* (nome de agente) < *fari*, forma o verbo *fatEri*, *fassus* – confessar; *profitEri*. Vale um confronto com a evolução francesa: *faconde* – *facúndia*; *fable*, *fabuleux*; *affable*, *ineffable* – inefável; *enfant*, *infantile*, *infanticide*; *préface*; *fée* (fada), *féerie* (magia), *féerique* (mágico,

corresponde ao empréstimo erudito féérico); fatal; fatidique; mauvais (lat. pop. *malifatius – que sorte ruim); diffamer, diffamation; professor, professuer, profission. O inglês tomou de empréstimo muitas palavras francesas. O italiano e o espanhol apresentam continuidade latina: a) italiano: favola, favolare, favoloso, infantaria (o português tomou de empréstimo infantaria; o inglês, infantry), fantaccino (soldado de infantaria). b) espanhol: habla – linguagem, hablar; hado (destino; hada – fada... Assim, fado é predição, oráculo. No sentido cristão, Santo Agostinho, Cidade de Deus: *fati nomen nos abhorremus praecipue propter vocabulum quod non in re vera consuevit intelligi, o nome fado nos faz fugir com horror, sobretudo por causa do vocábulo que ninguém se acostomou a entender o sentido verdadeiro.*

Muito do pensamento de Varrão - apesar de seu total desconhecimento do indo-europeu, por isso mesmo é notável - se justapõe ao de Antenor Nascentes, totalmente fundamentado nos avanços modernos da lingüística: *a pesquisa etimológica não é uma aplicação passiva das leis da linguagem... Uma parte muito grande ainda é deixada à imaginação lingüística, ao faro do sábio.* (p. XIV)... A fundamentação científica desta pesquisa lingüística se estriba no método histórico-comparativo, o qual propiciou o estudo dos vocábulos na língua mãe e nas línguas irmãs, como já se disse acima, através do exame das transformações de forma – mas não restrito a leis fonéticas, se bem que também observadas certas condições de evolução fonológica – termo usado por se encontrar consagrado, mas aqui está no sentido de mutação, e não naquele sentido puramente positivista. O filólogo Antenor Nascentes nos legou uma obra científica, com clara intenção expositiva e sem economia esforços quanto às fontes de consulta. Nas etimologias controvertidas alista os étimos propostos sem tendenciosidade. Não há neste dicionário etimológico quaisquer pressupostos extralingüísticos; portanto, não admitindo nas entrelinhas interpolação de historiadores ou sociólogos, o que está de acordo com o mais recente conceito de estudo etimológico, como orienta Émile Benveniste com o exemplo de *feudum*, termo germânico. Estabelece-se a sua significação: área semântica ligada a criação de animais e evita-se a inclusão da digressão histórica. O termo

grego *hegeomai* e seu derivado *hegemón* são, para pesquisa lingüístico-etimológica, objeto de averiguação de como se constituiu a noção de *hegemonia*, ou seja, a relação de autoridade em *hegemón* e o verbo *hegeomai*, pensar, julgar. O historiador que verifique a sua equivalência com *imperium* romano. Dada às restrições de um trabalho como este nosso, tomaremos apenas o elemento latino *peku como subsídio para pesquisa científica moderna, como é a de Émile Benveniste, que afirma no Sumário do Capítulo 4, volume I: *Para todos os comparatistas...* o estudo de *peku com o sentido de riqueza é secundário ou extensão semântica. *Com efeito, basta ler Varrão (L.L.) para saber o que se entendia por 'pecunia' em sua época.* O gramático romano alistou outros termos ao lado deste: *dos* (*dote*); *mercês* (*salário*); *multa* (177, multa); *sacramentum* (180, depósito sagrado); *tributum* (181, tributo); *sponsio* (VI, 70, depósito garantindo uma promessa de casamento) (...) Isso significa que *pecu* e *pecúnia* tem o sentido de “fortuna móvel”. À mesma conclusão nos levará a leitura de *peculium*, cujo traço de “posse pessoal” está em *peculo(r)*, daí, *peculatus*, “apropriação (fraudulenta) do dinheiro público”.

A filosofia escolástica criou os termos denotação e conotação na sua teoria da linguagem, mas ainda integrando as abordagens gramaticais nas teorias filosóficas e em princípios religiosos. Modernamente, entende-se por denotação, conforme o seu sentido latino “denotatione(m)”, indicação, a referência mental ao mundo biossocial e, como seu sentido é extensivo, isto é, trata-se de uma representação do mundo exterior e interior, pressupõe a polissemia (poli = vários; sem = sentido(s)+ -ia). Assim, na formação das palavras, a contribuição da metáfora (meta = além de, mudança; fora = levar: relação por analogia, comparação e similitude) e da metonímia (meta = além de, mudança; ónoma, nome: relação por contigüidade) é definitiva. O termo língua, mão, cabeça e outros compõem metonímias que enriquecem o nosso dicionário. As metáforas resultantes de linha, ponto e outras aumentam e muito o nosso vocabulário. Às vezes, uma metonímia se consolida numa metáfora, como cabeça de alfinete, cuja denominação de catacrese, mais rigorosamente, é classificação da retórica. Os estudiosos de retórica afir-

mam nosso pensamento é metafórico. “A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distingue-se de todos os outros seres, por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquire seus primeiros conhecimentos, por ela todos experimentam prazer.” Aristóteles, *Arte Retórica e Arte Poética*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, Trad. de Antônio P. Ribeiro, p.266). Na antropologia e filosofia já se aborda a questão da construção do saber a partir da metáfora. Por isso, um falante nativo aprende que o arco-íris tem “n” cores, mas poderá achar difícil o discernimento delas, como é o caso de se descrever em português as nossas sete cores, ou as do nativo inglês com seis ou, quem sabe, talvez as do nativo bassa da África com duas. Para a psicanálise, o inconsciente está estruturado como linguagem. Para Freud, o discurso consciente é cheio de lacunas ou lapsos e isso é observável, fundamentalmente, no sonho. Recentes estudos lingüísticos e retóricos observam que os mecanismos de formação de uma metáfora suprimem segmentos semânticos e favorecem a permanência de outros. Isso se comprova quando descobrimos algumas palavras na sua origem, como cratera (= buraco), que etimologicamente em grego significa vaso grande – do qual só houve permanência da boca do vaso, deteriorando os outros segmentos semânticos. Em alarme (ou mais rigorosamente alarma, gritaria, aviso de perigo) provém da expressão italiana *alle arme*, para as armas – restando apenas o traço do alarido. O velho hábito do véu branco é uma associação ou analogia entre o véu da noiva e a cor branca da nuvem, em latim *nubes*, -is, donde, em latim, o verbo casar-se (falando da mulher) *nubo*, -is, -ere, *nupsi*, *nuptum* deriva do substantivo latino. *Candidus* significa branco e, como o seu derivado *candidatus*, o candidato se vestia de branco para expressar a sua pureza, o termo se condensou, como os já citados, pelo deslocamento através dos tempos. Com estes poucos exemplos já podemos afirmar a nossa tendência em acumular um inventário de vocabulário de base metafórica. A metáfora é, pois, uma comparação e, a rigor, sem o termo comparativo. Em “cabelos de neve” eliminamos o termo de comparação “tão ... quanto”. Há, portanto, um desvio de significação, se atentarmos para o plano imediato da expressão (= o que tem a ver cabe-

lo com neve?); isso se passa, pois, no plano sintagmático e trata-se, de fato, de uma impertinência ao código do discurso. Se analisarmos quanto código da língua, no plano paradigmático, esse desvio, agora minimizado (= ou não percebido), é uma metáfora. Essa linguagem é denotação.

Conotação é quando usamos a linguagem para manifestar nossos sentimentos ou emoções e nossa vontade. Situa-se a conotação na área da estilística. Há presença de linguagem conotativa, além da poesia, em provérbios, publicidades e propagandas, explorando a energia da sua expressividade. A conotação é decorrente de múltiplos fatores, como na fonologia, aliteração é a colocação de fonemas repetidos (distantes ou próximos) e simetricamente dispostos como é o caso de /b/, /z/, /j/ e /s/ em “Auriverde pendão da minha terra, que a brisa do **Brasil beija e balança** (Castro Alves), dentre outros recursos como a cacofonia, onomatopéia etc. Conforme a tradição retórica: na sintaxe é silepse, anacoluto etc.; como na figuras de pensamento: hipérbole, eufemismo, personificação etc.; nos tropos, ou figuras de palavras é o símile ou comparação: “(Iracema) tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.” (Iracema, de José de Alencar, c.II, p. 14, S.Paulo,: Melhoramentos) – a denominação de comparação se distingue de metáfora apenas no rigor da Retórica, uma vez que a metáfora também é uma comparação. A diferença é feita por causa da presença da palavra gramatical que estabelece a comparação: mais...que. Outras palavras que criam comparação são: assim, assim como, tanto...quanto; como; menos...que(= do que) etc. Se tentarmos separar as figuras de linguagem por ponto de vista gramatical, ou seja, observar se elas são ordem sintáticas ou semânticas, nos encontraremos em sérias dificuldades. O melhor é unir critérios gramaticais. Basta verificar a situação gramatical do símile, que é um tropo, mas a sua formação é sintática. Há nos leitores, às vezes, dificuldade de identificar a personagem dos escritores como metáfora. Por exemplo, como primeiramente depreender o significado de Simão Bacamarte em “O Alienista”, de Machado de Assis? Em seguida o que dizer do seu sentido?

Poetas, como Vergílio (século I a.C.), tiraram energia da etimologia; assim, o nome César, a partir da obra poética vergiliana, adquiriu a reputação de imperador e, por isso, os sérvios e búlgaros se intitularam *czar*, de César. Entre os alemães, a forma é *Kai'ser*. Luís Vaz de Camões, ao dedicar *Os Lusíadas* a D. Sebastião (1554-1578), colaborou com o sebastianismo - crença viva, ainda hoje, na volta de D. Sebastião da guerra na África. Sebastião provém do grego e este adjetivo *sebastós* significa venerável, augusto. Augustus, em latim, era um adjetivo também, mas o Senado romano o acolheu e o aprovou como título de Otaviano (63 a.C. a 14 d.C.) para fundar a *pax romana* de Augusto César. Em José de Alencar, *Iracema* admite uma longa leitura etimológica, como Iracema ira, mel, cema, lábios). A profecia ocorre pelo Nome: “*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).*”(Mt 1,23)

BIBLIOGRAFIA

- 1 – BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias*. Trad. Denise e Eleonora Bottmann. Campinas, SP: Unicamp, 1995. 2 vols.
- 2 – CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Greque: Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- 3 – COLLART, Jean. *Varron Gramairien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- 4 – DELLA CORTE, Francesco. *La Filologia Latina Dalle Origini a Varrone*. Itália: La Nuova Italia, 1981.
- 5 – ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la langue latine: Histoire des mots*. Paris, Klincksieck, 1985.
- 6 – FAGES, Jean-Baptiste. *Para Compreender Lacan*. Trad. de M.D. Magno e Georges Lamaziére. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1971. 7

- 7 – FARIA, Ernesto. *Introdução à Didática do Latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- 8 – MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.
- 9 – MACHADO, Nilson José. *Epistemologia e Didática: as Concepções de Conhecimento e Inteligência e a Prática docente*. São Paulo: Cortez, 1995.
- 10 – NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. R. de Janeiro: Francisco Alves. Primeira e única edição.
- 11 – ROBINS, R.H. *Pequena História da Lingüística*. Tradução de Luiz M.M.de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- 12 – SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Général*. Paris: Payot, 1916.
- 13 – VARRÃO, M. Terêncio. *De Lingua Latina*. Texto estabelecido e traduzido por Roland G. Kent. London: Page, 1951. Books V-X.

NOTAS:

¹ SAUSSURE, F. de PREMIÈRE PARTE – Principes Généraux.
Chapitre I – Nature du signe linguistique.